

B8



RIO 2016

SÁBADO, 20 DE AGOSTO DE 2016

FOLHA DE S. PAULO



Bradesco



MARILIZ PEREIRA JORGE

Segunda-feira de Cinzas

Agora vem a ressaca; prepare-se para uma daquelas bravas, depois desse Carnaval prolongado

QUE DUREZA será acordar depois de amanhã. Segunda-feira é o dia que a gente aprendeu a odiar, e a próxima ainda vem turbinada com cheiro de cinzas. Cinzas de uma celebração que funcionou muito bem, apesar da comida cara e ruim, das filas, da piscina verde.

Agora vem a ressaca, meu amigo. Prepare-se para uma daquelas bravas, depois desse Carnaval prolongado, desse Réveillon fora de época que vivemos nas últimas duas semanas.

Foi assim na Copa. Será assim com a Olimpíada. Passaremos alguns dias compartilhando fotos, falando de vitórias e derrotas, discutindo se pode voar ou não. Se trata fosse esporte olímpico, seríamos campeões.

Seremos novamente vítimas la-

mentando a partida de um amor. Como ficar sem os 16 canais do SporTV, sem o Boulevard Olímpico lotado, sem o desfile de sotaques e o colorido dos animais gringos, sem o clima festivo dentro do metrô, sem a profusão de memes, sem o Guga todos os dias na TV? Fica, Guga.

Fica, Carl Lewis, fica, Nadia Comaneci, fica, Mark Spitz. Como dormiremos sem assistir a "É Campeão?", com esse timão de atletas? E nunca mais cantar e fazer dançinha quando toca o jingle do Bradesco? Sou dessas.

Foram duas semanas de reencontro com velhos ídolos e de descobertas de novos. De ver a consagração de estrelas. De torcer, nos emocionar e nos indignar. De escolher vilões e mocinhos. E, felizmente, os mocinhos

são em maior número.

Para cada Ryan Lochte temos dez Kerri Walsh. O nadador não vale o cloro da piscina onde nada, mas a também americana, tricampeã olímpica de vôlei de praia, mostrou que não dá para colocar todo o mundo na mesma sacolinha, ao cumprimentar um a um os voluntários da arena onde ganhou medalha de prata. Daqueles momentos que a gente nunca vai esquecer.

O Rio ficou pequeno para tanta gente, as distâncias se encurtaram, o morador, enfim, descobriu que a Barra da Tijuca não fica em outro município, que, além de Copacabana, Deodoro é também carioca e fica logo ali — ainda que não.

Há mais de um ano, disse que o Rio tinha vocação, DNA espor-

tivo para sediar uma Olimpíada. Se o brasileiro gosta de esporte, o morador do Rio vive o esporte como estilo de vida. Foi lindo ver a cidade tomada pelas competições, mesmo com água poluída, com bula perdida e essa sensação de segurança estintiva.

Claro que temos que pensar no depois. Depois chega a conta (a de luz já vai ficar mais cara, sabia?), volta a violência, lembramos a ciclovía, tem impeachment, campanha eleitoral. Tudo o que temos ignorado nesse momento de celebração do esporte e de reconciliação com a nossa capacidade de nos divertir e nos emocionar.

Depois é depois. Hoje, tem competições, os gringos estão por aí e ainda podemos deixar tudo para Segunda-feira de Cinzas.

Fotos Paula Góllitz/Fotopress



O grupo de atores Azamiga Brasil

beleza e caos

EPICENTRO DA RIO-16, COPACABANA FESTEJA A UNIÃO DOS POVOS

ROBERTO DE OLIVEIRA
ENVIADO ESPECIAL AO RIO

A Barra pode ter sido a vitrine dos Jogos, mas foi em Copacabana que turistas se reuniram para celebrar a Rio-16, consagrando o bairro, que nunca dorme, como ponto de encontro das torcidas. E assim deve ser até o encerramento no domingo, com gente na praia até de madrugada.

Miguel Sanchez, 23, de Guanajuato, já está no pique. Com seus amigos mexicanos, caminhava às 4h20 desta sexta pela rua Barata Ribeiro, numa espécie de grupo de "mariachi" cantolando a alegria de estar na cidade.

Espécie de purgatório da beleza e do caos, Copacabana concentra o maior número de leitos do Rio, segundo a Abih-RJ. Os cerca de 130 hotéis convencionais, além das centenas de albergues, pousadas e acomodações alternativas, conseguiram o recorde de 98% de ocupação.

A economia informal também experimentou dias de sucesso. O ambulante Everton da Silva Mendes, 26, de olho na quantidade de pessoas vindas de todas as partes, trocou de negócio, apostando suas fichas na identidade nacional: passou a vender bandetrolas dos países.

"Todo o mundo quer mostrar de onde veio", disse, justificando a estratégia. Ele carregava bandeiras de 30 nações, vendidas a R\$ 50 cada uma. "Tem gente que tira a haste e faz da bandeira um acessório, que pode ser uma canga, um turbante, uma capa. Essa turma é animada e consome."

Outro produto concorrido no calçadão eram as réplicas de medalhas. Ambulantes começavam oferecendo a cópia por R\$ 50, mas, depois da pechincha, o turista podia levar o bibelô por R\$ 20. Foi o que fez a embaixatriz da Ucrânia, Fabia Tronenko, 35, que, brasileira, conhece bem a manha dos vendedores de rua.

Deu a lembrança para a filha, Mariana, 11. "Aqui há uma mistura étnica interessante. Você aprende com os povos", afirmou ela, que estudou na Polônia e conheceu o marido na Austrália.

Moradoras de Brasília, onde fica a Embaixada da Ucrânia, foram ao Rio acompanhar a delegação do país. Mariana ficou encantada com a região do Copacabana Palace. "Ali você vê o mundo passando. Mais do que nunca, o Rio de Janeiro continua lindo", refletiu a menina.

JESUS E DRAG QUEEN
Com uma orla de 4 km, Co-



Acima, a americana Karen Adams, barraca que vende bandeiras em Copacabana e Mariana, descendente de ucranianos

98%

de ocupação

Foi o que registraram os hotéis da região de Copacabana durante a Rio-16, de acordo com a entidade hoteleira Abih-RJ

pacabana cedeu suas areias para o vôlei de praia e recebeu também provas de maratona aquática e triatlo. O que não faltou ali foram turistas.

Em sua quinta Olimpíada, a americana Karen Adams, 66, veio ao Brasil num grupo de 22 integrantes do International Sports Chaplain, organização religiosa cuja missão é levar a palavra de Jesus à comunidade do desporto.

"Nossa equipe experimentou uma variedade de línguas, religiões, credos e nacionalidades. Nosso objetivo aqui foi comunicar o amor de Cristo na arena olímpica", explicou. Diante da "megastore" da Rio-16, procurava aproximar-se das pessoas. "Os brasileiros são receptivos. Quem não quer nos ouvir são europeus e americanos."

O comerciante paulista Sildo Frutuoso, 44 anos, quase metade deles no Rio, fazia coro com o jovem casadoiro: "O público da Olimpíada é mais selecionado que o das outras grandes festas, como a Copa, o Carnaval e o Réveillon. Tem maior poder aquisitivo", disse ele, que viu triplicar o movimento do seu L'F Café e Bistrô, na rua Duvidier, perto da praia, nestes dias de Jogos.

Com tamanha diversidade, Copacabana tornou-se terreno fértil para o trabalho do grupo teatral Azamiga Brasil, que, com 12 atores que exageram no "make up", faz o que consideram um misto de humor nordestino, improviso e "stand-up comedy", na explicação de um deles, Carlos Lima, 23, o Pinicilina, nascido em Fortaleza. "Os paulistas são os mais receptivos. Os gringos acham graça, mas, às vezes, se assistam e correm", contou o ator Leonardo Souza, 23, o Lactopurga.

Também puderam cair da noite, ver aqueles personagens serlepeles, com roupa preta dos pés à cabeça, a cara coberta de maquiagem carregada de cores fortes e a cabeça enfeitada por uma peruca espetada e colorida, poder dar um susto até mesmo em quem veio de outro mundo.